

moa sipriano

**meu pai,
meu HOMEM**



www.moasipriano.com

Esta obra está sob uma licença Creative Commons:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>

* * *

Se você gostar do livro, considere uma pequena doação ao autor. Para saber mais, acesse:

<http://www.moasipriano.com/colabore.htm>

* * *

Moa Sipriano produz exclusivamente literatura adulta que aborda todos os meandros do universo gay masculino. Seus artigos realistas, contos polêmicos e romances homoeróticos remetem à reflexão e promovem momentos excitantes de surpreendentes descobertas. Você encontrará mais informações sobre o escritor em: <http://www.moasipriano.com/autor.htm>

Meu pai, meu homem

Moa Sipriano

2007

“Filemon, meu pai, minha vontade nesse exato momento era jogar seus músculos sobre a mesa da cozinha. Sei que hoje estou muito mais forte do que você – em todos os sentidos – e tenho certeza que agarraria seu corpo roliço e peludo com facilidade, dominando-o por completo.

Com a adrenalina ultrapassando todos os limites, você apanharia a velha taça de vinho tinto do lado esquerdo da mesa. Segurando a fina haste de cristal, num movimento impensado, todo o líquido doce seria alvejado em meu rosto quente, suado, salgado.

Durante a mistura dos elementos numa alquimia única, eu rasgaria seu velho calção azul com a força de apenas uma das minhas mãos.

As gotas – vermelhas como sangue – pingariam aleatoriamente sobre a cabeça do “poderoso”, purificando-o novamente.

Minha saliva ácida se misturaria ao doce néctar e minha boca louca reverenciaria o seu mastro, sua madeira de lei. Seu báculo sagrado seria agraciado pela minha língua profana, num ritual pagão, como certamente havíamos participado em tempos remotos.

Naquele passado, eu fui sua mulher!

Como num passe de mágica, seu mastro deixaria de existir por longos segundos, perdido, escondido dentro da minha boca gulosa, insaciável. Minha garganta profunda sempre desafiara os mais cétricos e mesmo você, homem experiente, provaria do prazer inigualável da minha gruta demente.

Grite, grite, seu homem turrão. Seu velho, meu velho, meu homem, meu macho. Sujo-te de sangue, o sangue dos romanos. Júlio, César, Marco Antônio. Eu nunca quis trepar com meus tios (oportunidades nunca faltaram), pois sempre me guardei para fazer o amor com você!

Venha, venha meu pai, agarre seu filho Arthur com o poder das suas mãos santas. Penetre suas unhas no meu peito coberto de pelos fartos. Faça-me urrar de dor, de prazer, de desejo.

Soco mais uma no meu quarto, pai, soco a milésima punheta, daquele jeito que você me ensinou quando eu tinha treze anos. A luz emanada pelo monitor embaça meus sentidos.

Continuemos. Agora empurro-te da mesa. Jogo-te no chão. Cale a boca, não diga nada. Segure seu mastro assim, bem empinado, pois seu filho aqui, virado um peão de rodeio, quer cavalgar por bem mais do que os oito segundos.

Quero ser empalado pela lança do romano. Vamos ultrapassar os onze minutos do Paulo Coelho. Penetra-me, penetre bem fundo. Fura-me, tire a última prega do meu rabo ensandecido. Maria, Maria estava certa!

O buraco rosado abre e fecha. Sou uma cadela, não mais um peão. Foda-me, foda-me, prove-me que tu és um homem.

Ai, meu rabo, ai, quero a dor, continue, não pare, rasgue meu rabo, rasgue meu peito. Deixe-me ver suas mãos; suas mãos estão repletas de pelos, daqueles pelos dourados que você costumava zombar, chamando-me de “ursinho pú”, apelido que eu sempre odiei, ah, como odiei isso desde a primeira vez, quando eu havia completado dezesseis.

Pai, agarre minhas bundas, todas elas. Isso, não pare. Arranque também todos os fios dourados do meu rabo macio. Não pare. Quero a dor. Quero a dor do prazer. Continue. Não pare, foda-me. Sou seu urso, sua presa, seu prêmio.

Vem, vem meu caçador, meu velho caçador, e me devore. De quatro, assim, do jeito que você mais gosta. Não sou mais um urso, volto a ser uma cadela. Travo sua vara anciã dentro do meu íntimo.

Força, força, tente tirar a espada se for capaz. Arthur, o rei, a Távola Redonda. A espada, sempre a espada. Força, meu pai, meu homem, meu macho. Eu não deixo, eu não deixo você sair de mim. Arthur Pai devorando Arthur Filhote.

Catatau come Zé Colmeia!

Agora, o tempo chama, o tempo grita, não pare. Foda-se seu suor. E também não me importo com as batidas descompassadas do seu coração sexagenário. Vamos, vamos meu velho experiente, meu pai-sabe-tudo. Você achava que já sabia tudo, não é mesmo?

Tolo, seu tolo, eu sou único, meu rabo é único, minha boca é única. Não, você nunca comeu ninguém assim. Assim, goze, goze, seu velho babão. Ainda não acabou. Você ainda não sofreu. Eu quero a dor. Eu quero a dor do prazer.

Sua porra, ah, sua gosma velhaca inundou meu universo. Quero o gosto. Quero sentir o gosto. Quero o seu gozo. Agora te solto. Solto o báculo, mas agarro a espada.

Não, eu não deixo, ele não vai cair. Ele, o cacete. Ela, a pica. A minha pistola apontada para mim. Abro a boca. Vamos, meu velho, mais um pouco. Quero a essência. Quero a porra ancestral.

Assim, assim mesmo. Grite, esporreie na minha garganta. Ah, que delícia! Fumegante, pulsante, a última golfada. Eu chupo, eu limpo, eu apago todos os vestígios dos laços de família.

Beije-me, sinta o meu, o teu, o nosso gosto. Quero vinho. Jogue o resto do vinho tinto da receita na minha cara branca. Agora. Mais uma vez.

Puxo seus cabelos cinzas. Eu quero mais, meu pai. Muito mais. Vem, vem ser meu submisso. Abro a sua boca. Entorno o resto da garrafa goela abaixo. Vem, beija minha boca.

Cospe, cospe o vermelho. Assim, doce. Continue beijando. A carne, a carne está queimando. Não, não seu tolo, além da panela há outra carne torrando no fogo. O fogo, o fogo do inferno. Vermelho, vinho, quero seu sangue. Venha, venha, meu macho, meu pai, meu homem.

Abocanhe, sinta meu caralho. Sim, o meu ca-ra-lho. Pensou que eu não ia querer? Pensou que era só me foder? Cale a boca, engula as palavras. Abra a boca, engula a tora. Assim, desse jeito. Não, papai, não sugue, só chupe. Ah, assim. Ai que delícia!

Mais rápido, mais rápido. Não, agora eu não tenho tempo para beijos românticos. Desça. Desça para o inferno, para o calor do meu bastão jovial, cheio de vida. Sim, estou lendo seus pensamentos, você já teve vinte anos muito bem vividos, eu sei.

Eu sei que você comia o seu professor de francês. Eu já ouvi essa história centenas de vezes. Bêbado, sempre bêbado. Pare de pensar. Chupe, continue. Ele vem, sim, ele vem. O elixir da sua juventude. Ah, não pare. Chupe, papai.

Sim, eu bato, eu esfolo sua cara de couro vencido. Sim, eu seguro, eu seguro os seus fartos cabelos fartos. Assim, tudo lá dentro, sua garganta não é profunda como a minha, mas você é esforçado.

Vinte, vinte centímetros reais na sua boca. Pelo menos isso você me deixou de herança. Assim, não pare, não paaareeee!

Não se atreva. Feche a boca, meu pai. Engula, assim, tudo, tudo. Eu sei que não foi sua primeira vez. Abra a boca, deixe-me ver. Não, ainda não. O ritual ainda não está completo. Venha cá. Quero o beijo. Sim, o nosso beijo. Assim, gostoso, ardente, um pecado intenso.

Ainda está duro. O Fênix. Ressuscitou. Sim, eu quero. Nós dois. Vire, vire, põe tudo na boca. Meia nove. Que delícia. A guerra dos báculos. Os báculos sagrados brigam com as espadas saliventas.

Assim, pai, no ritmo. Meia nove. Não pare. Não podemos parar. Assim, novamente. Goze, goze meu velho. No meu peito, a sua brancura espalhada bem no centro dos meus pelos dourados.

Respire, respire, busque novamente o ar. É o fim, é o fim da dor. Da dor do prazer. Agora eu exijo seu abraço. Assim, juntos, bem unidos num só corpo.

Venha, quero seu romantismo. Mais vinho. Não, não se levante. Não busque outra garrafa. Venha, há mais vinho guardado na superfície dos meus lábios. Impossível, ridículo, irreal, você diz. Cale a boca, cale a boca, meu pai. Não diga nada, não há pecado original. Volte para os meus braços.

O abraço, o abraço-urso. Assim, do nosso jeito. Vem, quero seu Amor. A dor já passou. Não, não se preocupe com a carne. Ela já queimou. Tudo vira cinza.

Vem, meu pai querido, preciso do carinho masculino. Quero seu amor. Vem provar o vinho. Vem beijar meus lábios. Vem sentir o calor emanado do meu peito apaixonado.

Quero o sonho. Quero o sonho dos amantes. Quero a carne. Quero sua carne. Quero a carne

da panela. Quero as cinzas da panela. Eu te amo!”

* * *

PS. Arthur Filemon, meu pai, esqueça o Fistikli. Deixe os cubos de músculo repousarem na tigela. Deixe os pistaches guardados na lata dourada. Apague o fogo.

Venha para o meu quarto...

Estou esperando...

... agora!

FIM